

Nakano acha bancos privilegiados

SÃO PAULO — Yoshiaki Nakano, Assessor Especial para Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda, afirmou ontem que os banqueiros são privilegiados, “porque o setor financeiro é o único a se aproveitar da inflação”.

Falando no seminário “Estratégias para a Pequena Indústria Negociar com Bancos”, Nakano afirmou que o processo inflacionário é um problema de todos os países endividados, que para pagar os juros transferem recursos para o exterior, comprimindo a renda de alguns segmentos; no caso do Brasil, disse ele, a classe trabalhadora, o Governo — que teve sua receita tributária líquida reduzida — e as empresas.

— O setor financeiro eleva as taxas de juros, superestimando a inflação, para ter algum ganho, assim como há empresas que aumentam preços por conta do futuro — disse Nakano, enfatizando que não estava culpando os bancos porque na origem de tudo está a dívida externa.

Na presença do Vice-Presidente Executivo do Banco Noroeste e Diretor da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Leo Wallace Cochrane, e de cerca de 200 empresários, o Assessor Especial disse que os danos do “círculo vicioso infernal” originado pela dívida externa recaem sobre os trabalhadores, que têm seus salários reduzidos, e também sobre o Governo e as empresas, que enfrentam taxas reais de juros acima das margens de lucros.

— Não adianta pintar um quadro maravilhoso. Temos de ser realistas e pararmos de sonhar — comentou Yoshiaki Nakano, destacando que o processo inflacionário vai continuar por muito tempo, porque tem raízes na dívida externa.

Nakano manifestou apoio à proposta feita por micros e pequenos empresários, de uma reforma bancária, com a criação de linhas de longo prazo para financiar a produção.

Ao início do seminário, antes da chegada de Nakano, o Diretor da Febraban, Leo Wallace Cochrane, fez um discurso comentando que “há quem diga que os bancos vêm prosperando às custas do empobrecimento geral, e buscam fundamentar esse raciocínio tão frágil com argumentos artificiosos, que não resistem a um simples exame dos fatos”. Segundo Cochrane, isso ocorre porque este nosso tempo é propício ao surgimento de “profetas do caos, mensageiros do apocalipse e arautos do quanto pior, melhor”, que anunciam somente o fim dos tempos e não têm soluções a propor.

— Como se pode pensar que o endividamento de empresas possa ser confortável ou mesmo rentável para os bancos? Os bancos assumem riscos juntamente com seus clientes, e quando, como hoje, os níveis de iliquidez dos créditos atingem patamares nunca registrados, os bancos também têm um problema em mãos. Só que os bancos, ao contrário do que dizem seus detratores, fazem parte das soluções e não dos problemas.

Leo Wallace Cochrane abordou também os problemas de ordem fiscal, mencionando a elevada carga tributária, o excesso de regulamentações e as constantes mudanças, assim como a burocracia, que conseguem sempre tornar mais complexo o sistema tributário nacional, em prejuízo das pequenas e médias empresas. Segundo o banqueiro, não há “milagres repentinos” em economia, nem soluções por decreto.